

Introdução

1. Uma antologia, alguns poetas-tradutores

Constituir uma antologia de uns vinte nomes não faz parte da ciência exacta: arbitrária sem dúvida, dolorosa de qualquer maneira, a escolha foi fixada pela intuição de um certo equilíbrio mais do que pela certeza de uma representação infalível. O alcance de uma antologia depende em grande medida do projecto que lhe está subjacente, e a posição no campo de quem a assina (poeta, universitário, nem um nem outro, um pouco dos dois...). Existem selecções «militantes» que apresentam um grupo que tem a sua coerência para o promover; existem recolhas que oferecem um vasto panorama, o retrato de uma época, com as suas contradições e as suas tensões, mas que não aparecem no volume.

Quando se trata de poesia a questão é sempre mais complicada. A sua definição oscila pela sua própria natureza entre o reflexo defensivo e o consenso optimista. Suposta universal pelo público que a não lê, vivida por aqueles que a fazem na luta pela vida que é o quotidiano de todos, a poesia francesa, entre cenáculos e grande família, sofre de ser ao mesmo tempo a margem e a essência da literatura. Como é natural, engloba concepções extremamente divergentes, que se encontram por vezes reunidas com a condição de não se explicitarem as razões. Isto não é somente devido ao desvio entre o topo ontológico (enunciar a verdade do ser) e a sua base económica (deplorar as curvas de vendas), mas também ao facto de, muito embora as tentativas crónicas para demonstrar o contrário, a poesia não é um género, ou já o não é desde há muito tempo. Campo aberto a todos os possíveis, lugar de subversão dos géneros

existentes, laboratório de futuras formas codificadas, comentário crítico dos textos classificados algures? Qualquer escolha antológica, para lá das interrogações pontuais sobre uma presença eventualmente contestável ou uma ausência certamente imperdoável, deve contribuir para a progressão destas questões, à sua maneira, modesta.

Deste modo, a selecção que apresentamos (1) não se quer nem grupuscular nem consensual; suficientemente vasta para integrar maneiras diferentes, e por vezes rivais, bastante circunscrita para permitir um propósito, um ponto de vista que as englobe, na medida do possível; se o nosso objectivo pretende dar a conhecer textos de qualidade, estes também são escolhidos por serem representativos, e desenharem pela sua proximidade e contraste uma certa configuração da poesia de hoje.

Não queremos fazer uma obra histórica, mas sincrónica; neste sentido, nenhum texto proposto será anterior a 1980, e privilegiámos quase sempre as publicações mais recentes, e até mesmo alguns inéditos ou trabalhos em curso. Gostaríamos de agradecer aos autores que de boa vontade responderam ao nosso pedido de actualidade, propondo, por vezes, textos em vias de publicação, a versão portuguesa seguindo de algumas semanas a sua publicação em França. O essencial é que as práticas poéticas, das quais dão conta os excertos, sejam, no sentido restrito, contemporâneas.

Nem todos os excertos se parecem com poesia; se integrámos formas diferentes, prosa (Lucot), teatro (Novarina), não é nem por abertura de espírito, nem por provocação. Também não é por acreditarmos que a poesia seria um estado de espírito, uma disposição interior, um tipo de emoção que a faria reconhecer para lá das suas formas, concepção idealista e datada. Digamos para já que esses textos interrogam e estimulam o trabalho poético com mais força, na medida em que se situam nas suas margens, e que impelem ao extremo os traços específicos da poesia. Mas a generalidade não satisfaz. Da mesma maneira que aqueles que excluem tais textos do campo poético deveriam fazer questão de os classificar em qualquer outra parte (Lucot no romance?), a sua presença aqui deve ser justificada pormenorizadamente.

A questão da poesia sonora (Heidsieck, Métail), cuja representação escrita é paradoxal, é diferente: é evidente que neste caso o texto é

apenas um testemunho longínquo daquilo que interessa, o momento da representação, ou até mesmo a audição de uma gravação. Mas ao rejeitarmos este testemunho pelo seu carácter aproximativo, privamo-nos de uma das correntes essenciais da produção actual, e expomo-nos a não perceber o ressurgimento recente da oralidade.

Eis aqui uma antologia de poesia francesa em português. Mas onde estão os textos franceses? Que os (inúmeros) leitores que teriam percebido perfeitamente a língua de partida considerem que também os podem ler nas suas edições originais... Mesmo se a questão das edições uni ou bilingues não pode ser resolvida em poucas palavras, é verdade que lemos apenas um texto de cada vez, qualquer que seja a língua, e este vaivém interessa antes de mais à reflexão sobre a tradução, e não à descoberta em bruto de uma obra desconhecida.

Neste caso, quisemos que a tradução fosse um texto no seu todo, assinado na sua língua como o é na outra. Agradecemos aos poetas-tradutores, cuja lista é já um esboço de uma antologia da poesia portuguesa, terem respondido ao nosso pedido, e de terem posto o talento ao serviço desta publicação. A participação dos poetas portugueses modificou o espírito deste projecto, transformando-o num lugar de intercâmbio entre duas poesias nacionais. As modalidades de escolha foram várias, o pedido explícito, de um lado ou de outro, o encontro ao acaso, o reconhecimento de uma proximidade, e o desejo de se confrontar a uma outra maneira que a sua. Aos 13 poetas juntou-se, facto interessante, uma de nós, linguista, que encontrou no trabalho de M. Métail o reflexo ficcional das suas preocupações teóricas. Este livro foi inicialmente, e durante alguns meses, uma teia de relações cruzadas entre 35 escritores, 3 coordenadores, várias editoras, alguns representantes de instituições: quase uma equipa de cinema! É nosso desejo que o livro guarde marcas desta convivialidade, e que se leia nas entrelinhas a realização utópica de um conhecimento mútuo.

2. Um pouco de história, 20 + 1 poetas franceses

A poesia francesa mais contemporânea é desconhecida em Portugal. Talvez os grandes antepassados façam sombra aos mais recentes, e Rimbaud, Apollinaire, Breton... tenham uma estatura

suficiente para ocuparem sozinhos o Panteão. A literatura em França, de um modo geral, parece vítima de um efeito de declínio como se, ter uma tal herança, implicasse ser-lhe inferior. Por outro lado, os textos escritos nos últimos vinte anos não podem ter a mesma visibilidade dos que fazem parte da referência de todos, e quanto mais nos aproximamos do presente, menos nos apercebemos do que é importante, e tão-pouco sabemos o que o tempo fará penetrar nas memórias e nos manuais escolares.

Esta reflexão bem comum levou-nos a rejeitar uma antologia histórica, que teria privilegiado o que já é conhecido em detrimento do que é mais activo, mas que ainda não pode ser totalmente avaliado. Passámos, pois, por cima de duas gerações, que precederam imediatamente os poetas que apresentamos.

Os anos 80 viram desaparecer os poetas que tinham nascido na viragem do século, e os últimos representantes do surrealismo: Louis Aragon, Philippe Soupault, René Char, este último continuando a ser, para um público não especialista, o último «verdadeiro» poeta francês: fulgurâncias, crenças nos poderes da palavra, lirismo oracular, as últimas centelhas de uma concepção na qual qualificamos de bom grado a poesia de «canto». Henri Michaux e Francis Ponge, dois poetas isolados, desapareceram também, a aura deles é grande mas não chegaram a impor verdadeiramente uma escola, mas cada um à sua maneira desviou a prática poética, sobretudo pelo humor e a irrisão, o uso da prosa, uma atenção meticulosa e modesta no fabrico das palavras.

Jean Tortel, falecido há apenas alguns dias, em Fevereiro de 1993, representa um pouco, juntamente com Eugène Guillevic, a junção entre duas épocas: embora mais próximos pela idade dos poetas anteriores, ambos anteciparam as preocupações da primeira geração do pós-guerra; depois Yves Bonnefoy, talvez o mais célebre, Philippe Jaccottet, André du Bouchet, Jacques Dupin (mais novo, mas associado pela sua precocidade às problemáticas comuns) tiveram de negociar sobretudo a saída do surrealismo que evidentemente em França mais do que em qualquer outro lado foi da referência colectiva, ao ponto de ocultar um pouco os horizontes. Podemos imaginar como é que os princípios surrealistas, separados das exigências vivas que os tinham produzido, puderam degenerar em

laxismo da imagem «poética», em ideologia vaga da produção automática, em lirismo descontrolado... Era necessário ir mais abaixo, encontrar um contacto mais certo com o mundo, experimentar outras soluções formais. Daí por exemplo o depuramento terreno de Guillevic, ou a reinvenção por de Bouchet do espaço gráfico repleto de espaços em branco de Mallarmé em *Coup de dés*, uma forma de austeridade oposta à efusão ambiente, uma mistura de nomeação detalhada das coisas e de tensão intelectual, uma prosódia concentrada e abstracta.

A nossa selecção começa depois. A idade dos poetas não é um critério suficiente: Ghérasim Luca pertence objectivamente à geração anterior, mas a sua importância nunca é pensada em termos históricos, e ele é, curiosamente, esquecido das antologias: um poeta reconhecido e no entanto marginal... Todavia os seus textos têm um «toque» particular, inconfundível, e ocupam um lugar estratégico interessante: a sensualidade da palavra, o gosto da sua forma, as ligações rítmicas, tudo se conjuga com um teor bastante abstracto, quase conceptual: «Direito de olhar sobre as ideias», diz um título de *Paralipomènes*, afirmando uma ligação talvez sem precedente entre a vertente concreta, e até sonora (as leituras são espectáculos), e o jogo especulativo, por vezes próximo da ironia do contra-senso, que a sua origem romena não pode deixar de aproximar das vertigens de Cioran ou de Ionesco.

Exceptuando este, os poetas que propomos são representativos de três épocas: os que começaram a publicar no fim dos anos 50 e no início dos anos 60, depois no fim dos anos 60 e no início dos anos 70, e depois unicamente nos anos 80. O pormenor é evidentemente mais complexo, mas globalmente foi nosso desejo encontrar um equilíbrio entre os poetas actualmente dominantes, e em plena actividade (M. Deguy, B. Heidsieck, B. Noël, J. Réda, J. Roubaud, J. Stéfan), outros que já acederam à notoriedade há vários anos (J. Daive, D. Fourcade, E. Hocquard, H. Lucot, M. Métail, V. Novarina, C. Prigent, C. Royet-Journoud), e representantes da nova onda da poesia francesa (P. Alferi, O. Cadot, M. Grangaud, P. Monnier, B. Montels, A. Portugal). Mas aqui terminam as razões históricas.